

# MÁRIO, O MONSTRO DA FAMÍLIA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma belíssima peça em seis atos e 6 ou 7 pessoas na cena

## OS PERSONAGENS DA PEÇA:

Sebastião 1

Alzira 2

Mário 3

Roberto / Dr. Roberto 4

## ESCALA DOS PERSONAGENS:

1º Ato — Sebastião e Alzira

2º Ato — Roberto, Maria, Mário, Alzira

3º Ato — Sebastião, Alzira, Rosa, Mário

4º Ato — Rosa, Mário, Sebastião, Alzira

5º Ato — Alzira, Rosa, Maria (A Madre), Sebastião, Mário, Dr. Roberto

6º Ato — Sebastião, Rosa, Mário, Dr. Roberto.

## CENÁRIOS APROPRIADOS PARA AS CENAS

1º ATO — INTERIOR DE UMA CASA GRANFA / GRÃ FINA

2º ATO — INTERIOR DE OUTRA CASA

3º ATO — INTERIOR DE UMA CASA GRANFA

4º ATO — UM JARDIM DE UMA CASA

5º ATO — INTERIOR DE UM QUARTO DE HOSPITAL

6º ATO — INTERIOR DE UMA CASA GRANFA

## PRÓLOGO

Essa peça foi baseada na história de um homem que não era feliz com a esposa que o traía, durante 20 anos de casado, pensou na sua vingança. Mas de jeito nenhum dava certo, até que um dia alguém do outro mundo abriu-lhe a mente fazendo uma proposta.

Sebastião já estava mesmo desiludido do mundo e como não queria acabar com a esposa, aceitou a proposta entregando a alma ao demônio.

Agora então veja o outro novo drama na vida de Sebastião e o pegado estúpido que cometeu para sua vingança, trazendo ao mundo um monstro, na sua família.

**1º ATO****NO INTERIOR DE UMA CASA**

Sebastião — Alzira! Hoje faz 20 anos que casamos.

Alzira — Sim Sebastião, faz 20 anos, e todos esses anos você só me odiou.

Sebastião — Hu, hu! E continuarei a odiá-la, Alzira.

Alzira — Não compreendo! Faz tanto tempo que já não sou quem eu era.

Sebastião — Não é, porque já está velha, acabada, sua mocidade já foi! Agora os homens não a querem, nem de graça.

Alzira — Mas eu ainda sou sua mulher, sua esposa.

Sebastião — Minha esposa não; minha serpente que me judiou em todos esses anos.

Alzira — Mas agora somos ambos idosos, devia perdoar agora. Sabe que não cometerei mais isso.

Sebastião — Lógico que sei. Na verdade, somos ambos velhos, mas eu ainda tenho o poder de fazer a minha vingança.

Alzira — Sua vingança? Se vai andar com as pequenas não terei ciúmes.

Sebastião — Nem pense nisso! Eu sei que você nunca teve ciúmes, e agora piorou que não teria. Não a quero judiá-la dessa maneira. Tenho o poder de fazer coisas piores. Ha! Ha! Ha!

Alzira — Rafael, você está me deixando com medo.

Sebastião — Não, não precisa ficar com medo agora. Você se divertiu muito tempo, enfeitiçou-me com sua beleza. Eu podia vingá-la diferente, mas eu amava demasiadamente, e não tive coragem de fazê-lo. O ciúme ainda trago no peito, estudei diversas maneiras de fazer vingança, até que enfim consegui um método de que você se arrependerá a vida inteira de me trair, ninguém a ajudará, nem mesmo a polícia.

Alzira — Será que depois de todos esses anos, ainda não esqueceu mesmo, do meu procedimento como esposa? Oh! Não!

**ALZIRA CHORA**

Sebastião — Ha! Ha! Ha! Se fosse bonita, estava rindo de mim. Lembra quando você tinha seus 18 anos, que não parava em casa. Depois você teve o primeiro filho, os gêmeos, por você as crianças tinham morrido, você não gostava deles, mas dos seus encontros amorosos, você adorava. Era linda, parecia uma boneca de carne e osso. Agora é um trapo.

Alzira — Mas hoje eu me arrependo de tudo que fiz.

Sebastião — Ah, é? Agora que vai ser avó. Não Alzira, agora é tarde. Eu gostava de você.

Alzira — Sim, mas agora já somos idosos; esqueçamos o que aconteceu Sebastião. Se nossos filhos presenciarem essa discussão seria horrível.

Sebastião — Vai ser horrível para você quando eles estiverem casados já pensou, Alzira um irmão casar com sua irmã.

Alzira — O que você está dizendo, Sebastião! Nossos filhos!

Sebastião — Nossos, não! Seus filhos. Dei meu nome, porque éramos casados, e eu para evitar certos aborrecimentos, não queria que descobrissem seus erros como esposa. E assim mesmo, você me traía, hein?

Alzira — Não é possível uma coisa dessa. Se você cometer essa loucura, acabará nas grades da prisão. Eu darei parte à polícia, dizendo que você é um louco.

Sebastião — E que adiantará? A polícia me conhece bem, principalmente o delegado. Vai perder o seu tempo, porque ninguém vai acreditar nessa história.

Alzira — Pois engana-se, idiota.

Sebastião — Então veremos se és mais forte que Satã.

Alzira — Meu Deus! O que você disse, eu mais forte que Satã?

Sebastião — Sim! Sua religião também não vai adiantar nada. Você também foi pecadora.

Alzira — Sebastião! Por favor! Não faça essas loucuras, imploro. Maria está no colégio, desejava tanto que ela fosse madre.

Sebastião — Maria não está mais no colégio, apaixonou-se por Roberto, e está trabalhando em Barreira, como empregada doméstica.

Alzira — Mas Roberto não mora aqui.

Sebastião — Mas com o poder demoníaco, fez com que o destino mudasse seu paradeiro, ha! ha! ha!

Alzira — Você está louco, eu intervirei no casamento.

Sebastião — Também não vai adiantar nada.

Alzira — Pois você vai ver, então. Vou telefonar para o convento.

Sebastião — Quer telefonar, telefone, mas acho que é um pouco tarde.

Alzira — Tarde por que?

Sebastião — Você sabe como é que é jovem, Alzira, cheio de sangue nas veias! Já tive uma notícia de um amigo meu, dizendo que Maria já está grávida de Roberto.

Alzira — Há! Não! Não!...

Sebastião — Vão casar de hoje a 12 dias.

Alzira — Que você foi fazer Sebastião? Isso é horrível, isso é monstruoso. Morrer seria melhor que passar esses momentos.

ALZIRA CHORA

Sebastião — Você merece muito mais que isso, Alzira. Tenho ódio de você e dos dois gêmeos.

Alzira — Mas eles são inocentes, não têm culpa para acontecer estas monstruosidades.

Sebastião — Não me interessa. Não são meus filhos, odeio todos vocês, fiz isso e está feito, pode chorar quanto quiser.

Alzira — Você irá para o inferno, Sebastião.

Sebastião — E você por acaso, irá para o céu?

Alzira — Tinha outro jeito de você fazer sua tola vingança.

Sebastião — Tinha! Mas preferi assim. Você quer divertimento melhor para mim que ver um seu neto todo defeituoso?

Alzira — Há! Não! Isso não!

Sebastião — Todo defeituoso, ha! ha! ha! Todo defeituoso, ha! ha! ha! Um monstro na sua família.

Alzira — Não! Sebastião! Por favor! Pare com isso.

Sebastião — Um monstro na família vaidosa. Você se orgulhava de seu neto. Ha! ha! ha! Seu neto, Alzira! ha! ha! ha!

Alzira — Se acontecer isso, Sebastião, juro que o mato.

Sebastião — Não terá força para isso, já lhe disse que ninguém a ajudará. Você é um caso perdido, agora, madame Alzira.

Alzira — Fiz mal em me separar de meus filhos.

Sebastião — Sim, e também fez mal em deixar um longe do outro quando eram pequenos.

Alzira — Maria nunca soube que ela tinha um irmão gêmeo.

Sebastião — De tanto que eram seu orgulho e vaidade, separou-se dos seus filhos para poder viver livre, agora está arrependida, mas é tarde, ninguém destruirá o amor dos dois.

Alzira — Eu me arrependo amargamente de tudo isso.

Sebastião — Agora veremos o final. Você adiou que os filhos eram estorvos,

mais um monstro será pior. Onde tiver a reunião dos granfinos o monstro  
estará ao lado. he! he! he! O monstro da família vaidosa, ha! ha! ha!

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 1º ATO**

**PRÓLOGO**

É assim aconteceu

Roberto e Maria se casaram sem saber que um era irmão do outro, pois o Sr. Sebastião tinha raiva e ódio de sua esposa D<sup>a</sup> Alzira, que o contrariava invencivelmente.

D<sup>a</sup> Alzira não pode impedir o casamento dos seus filhos. O amor entre os dois irmãos era cego, e o poder demoníaco de seu marido fez com que os dois jovens se casassem e tivessem um filho. Isto é, um monstro.

Várias pessoas que moram ali dizem que o Sr. Sebastião, tem parte com o demônio.

Pois muita gente sabe que foi ele que cometeu essa terrível desgraça.

Vejamos o que sucederá no bellissimo 2<sup>o</sup> Ato da peça

**2º ATO**

Roberto — Maria! Porque Mario voltou da escola?

Maria — Disse que não suportava o olhar dos meninos.

Roberto — Mario não pode ficar nesse chove e não molha.

Maria — Mas o que posso fazer, Roberto? Já o castiguei várias vezes por isso.

Roberto — Ele precisa ir à escola. Já é feio e ainda não estuda, o que espera?

Maria — Falta de conselho não é. Não posso fazer nada.

Roberto — Eu acho melhor não castigar muito ele.

Maria — Mas ele prefere ser castigado do que ir à escola.

Roberto — Vou falar com ele, talvez, eu seja diferente. [GRITANDO] Mario!...Mario!...

MARIO ENTRA EM CENA COM A MAQUILAGEM ANORMAL

Mario — Que deseja de mim, meu pai?

Roberto — Mario, meu filho, precisamos muito conversar.

Maria — Está ficando cada vez mais esquisito.

MARIA SAI DE CENA

Roberto — Pois bem, meu filho. Maria me disse que você não foi à escola. Por que?

Mario — Sim meu pai, me sinto com vergonha dos outros alunos. Eles me olham de uma maneira, como se eu fosse um bicho.

Roberto — Mario, não deve ter esse complexo de inferioridade.

Mario — Mas eu tenho, meu pai. Sou um ser diferente dos outros. Minha sorte foi fracassada. Todos me olham, uns riem da minha desgraça, outros se sentem apavorados. Eu não devia ter vindo ao mundo.

Roberto — Calma, meu filho.

Mario — Sim, eu não tenho sorte mesmo. Até mamãe me acha horrível, quando saio na rua que passo pelo parque a criançada grita: aí vem o monstro. Por que sou assim meu pai! Por que!

Roberto — Talvez o destino, Mario.

Mario — Que destino ingrato o meu.

Roberto — Esqueça disso, Mario.

Mario — Como esquecerei da minha desgraça se a carrego junto comigo.

Roberto — Tenha calma. Talvez um dia encontraremos uma solução.

Mario — Como ficaria contente se esse milagre acontecesse, mas não tenho tanta esperança.

Roberto — Para Deus, nada é impossível, e agora não pense mais nisso, você precisa estudar.

Mario — Mas já estou com 15 anos e até agora não consegui aprender nada.

Roberto — Acho que você devia tentar mais um pouco.

Mario — Está bem, meu pai. Eu farei a sua vontade.

Maria — Ainda está aqui Mario?

Mario — Sim mãe, mas não se preocupe comigo, eu sairei já.

Maria — E você ainda o trata dessa maneira, Roberto.

Roberto — De que maneira queria que eu o tratasse?

Maria — Mario não merece nosso carinho.

Roberto — Pois engana-se Maria. Mario é o nosso único filho. Devemos ter toda a consideração.

Mario — Meu pai, eu já vou me retirar.

Roberto — Sim! Vá meu filho e escute bem o que eu disse.

Mario — Sim, meu pai! Eu não me esquecerei.

MARIO SAI DE CENA.

Roberto — Você não pode ser tão estúpida com nosso filho.

Maria — Tenho vergonha de Mario ser meu filho.

Roberto — Pois não deveria se envergonhar disso. Mario é seu sangue, ele não tem culpa de ser assim, e nem você também.

Maria — Mas é tão horrível ter um monstro como filho.

Roberto — E por ser horrível, vamos massacrá-lo, judiá-lo, matá-lo? Não, não devemos fazer isso. Devemos ter toda compaixão. O destino de Mario é esse e é preciso ter paciência.

Maria — Mas até quando aturaremos isso Roberto?

Roberto — Até o fim! Ou decerto quer acabar com Mario?

Maria — Eu não pensaria tal coisa, Roberto.

Roberto — Precisamos estimular Mario, mais ainda, porque é só ele que temos de filho.

Maria — É mesmo, Roberto, Eu não devo proceder assim. Tenho sido muito rude com ele.

UM BATER NA PORTA, OU CAMPAINHA

Roberto — Quem deverá ser?

Maria — Vou ver. É a mamãe, Entre mamãe. A mamãe vem sempre nos ver.

ALZIRA, ENTRA EM CENA

Alzira — Olá filha. Roberto como vai?

Roberto — Eu bem dona Alzira, e a senhora?

Alzira — Também estou bem.

Roberto — E seu Sebastião, porque não veio também?

Alzira — Sebastião anda muito preocupado com os negócios.

Maria — Sente-se mamãe.

ALZIRA SENTA EM UMA DAS POLTRONAS

Alzira — E Mario, está bom?

Maria — Sim, mamãe, Mario está bem.

Alzira — Preciso vê-lo, ando com muita saudade de meu neto.

Maria — Ah não mamãe, ele está ocupado agora.

Alzira — Não faz mal, Maria. Eu irei lá dentro vê-lo.

Maria — Mario não deve estar lá dentro.

Roberto — Eu o chamarei, não sei porque Maria esconde tanto seu filho.

[GRITANDO] Mario!...Mario!...

Maria — Não, Roberto!...não o chame

MARIA FAZ GESTOS DE IMPEDIR

Roberto — Você disse agora há pouco que não devia proceder dessa forma para com Mario.

Maria — Não! É, que!...

MARIO ENTRA EM CENA

Mario — Aqui estou, meu pai.

Roberto — Mario, a tua avó veio visitá-lo.

Mario — Minha avó, sim, a bença, vovó.

Alzira — Hó! Mario, como estás ficando, Deus que te abençoe, meu neto.

Mario — E vovô? Não veio?

Alzira — Não. Mario. Teu avô não veio, mas qualquer dia desses ele virá.

Maria — Agora chega, Mario, vá para dentro cuidar com algum serviço.

Mario — Eu...eu já terminei todos os serviços, mamãe.

Maria — Então, retire-se.

Roberto — Não, Maria. Não procedas assim. Mario ficará aqui até quando eu quiser.

Mario — Obrigado, meu pai

ROBERTO PÕE AS MÃOS EM CIMA DO OMBRO DE MARIO

Roberto — Você pertence à nossa família, e terá que estar junto de nós.

TIRA AS MÃOS

Mario — Não sei porque minha mãe me odeia. Vovó, és capaz de saber?

Alzira — Maria não deveria odiá-lo.

Maria — Não sei se odeio, Mario! Não sei!...

MARIA SAI DE CENA

Roberto — É sempre assim, dona Alzira. O Mario chega, Maria sai. Não suporta vê-lo em sua companhia, tem vergonha do filho.

Mario — Eu...Eu sou um desgraçado. Eu não devia ter vindo ao mundo, que futuro eu tenho, a morte, a morte é o meu futuro, e quando chegará? Algum dia, eu descobrirei porque fui nascer tão horripilante.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 2º ATO**

**3º ATO**

EM CENA, SEBASTIÃO E ALZIRA.

Sebastião — E, então Alzira, como vai o seu neto.

Alzira — Vai bem. Perguntou por você.

Sebastião — He!...he!...he!...Se ele soubesse o causador de sua desgraça, hein?!

Alzira — Algum dia ele saberá, Sebastião.

Sebastião — Ha! ha! ha! Por que você não conta? Tem vergonha, e não tem coragem, não é?

Alzira — Algum dia eu terei coragem.

Sebastião — Não adianta, Alzira. estão todos vocês sob meu domínio, he! he! he!

Alzira — Não aguentarei muito tempo isso. Preciso ir embora daqui, procurar esquecer essa loucura que você foi fazer, do contrário ficarei louca também.

Sebastião — Não! Não!...Não precisa se preocupar com isso. É apenas o começo de suas torturas. Você conseguirá ver o fim da diversão, ha! ha! ha!. Conseguirá, ha! ha! ha!

Alzira — Vou deixá-lo, Sebastião. Irei embora daqui, não suporto mais ficar aqui!

Sebastião — Será que você vai embora mesmo?

Alzira — Você verá, então.

Sebastião — É inútil Alzira. Você não sairá daqui! ha! ha! ha! Não terá força para essa fuga. Você tem que estar ao lado de seu neto; aquele horrível neto.

Alzira — Não ficarei! Não ficarei. Irei embora amanhã mesmo. Fique você aí com sua loucura.

Sebastião — He! he! he! Vamos ver mesmo se irá, ha! ha! ha!

Alzira — Pois então verás!...

ALZIRA SAI DE CENA

Sebastião — Não! Alzira não pode fugir daqui. Preciso de ajuda. Meu amigo, ouvirás minha prece. Satã, ela vai embora! Alzira, nosso trato amigo, ouça-me, Satã!

POR TRÁS DO CENÁRIO OU NO MICROFONE

Satã — Meu amigo! Estou ouvindo. Não se preocupe com sua esposa. Ela não irá embora, ela ficará até o fim. Farei tudo que você me pedir. Você ainda tem três anos para fazer o que quer. Eu estarei ao seu lado.

TERMINADA A FRASE MISTERIOSA

Sebastião — Satã está comigo. Alzira não irá embora he! he! he! Alzira ficará até o fim.

[UM BATER NA PORTA] Quem será agora? [GRITANDO] Rosa! Rosa!

ROSA ENTRA EM CENA

Rosa — Aqui estou, seu Sebastião.

Sebastião — Ótimo! Quer ir atender quem está batendo.

Rosa — Pois não! Irei já.

ROSA SAI DE CENA

Sebastião — Hé! hé! hé! Rosinha é bonitinha pra chuchu. Eu só imagino uma coisa, hé! hé! hé!

ROSA ENTRA EM CENA. MARIO TAMBÉM

Rosa — Pronto, seu Sebastião. Já está aqui. É Mario.

Sebastião — Ah Mario, então é você que veio nos visitar. Pode sentar, Mario.

mario — Vovô! Eu vim aqui pra lhe dizer uma coisa.

Sebastião — Que coisa, Mario? Qual é o problema?

Mario — A mamãe não gosta de mim. Ela me bate à toa. Eu queria ficar morando aqui.

Sebastião — E seu pai não vai se opor? Você ainda não é emancipado, Mario.

Mario — Meu pai, não bate em mim, mas ele não pára em casa, sempre anda viajando.

Sebastião — Mario, eu vou ficar com você, mas você terá que me respeitar, e terá que fazer tudo que eu mandar.

Mario — Sim, vovô! Eu farei. Eu farei, onde será o meu quarto, para poder buscar minhas coisas.

Sebastião — No porão. Rosa lhe mostrará onde ficar. Acompanhe ele, Rosa.

Rosa — Está bem. Vamos, Mario.

ROSA E MARIO SAEM DE CENA

Sebastião — Há! há! há! Alzira vai gostar muito disso. Agora ela ficará sempre vendo o seu belo neto. Há! há! há! O seu belo neto.

ALZIRA ENTRA EM CENA

Alzira — Ei! Que aconteceu Sebastião? Com quem está falando?

Sebastião — Oras, não seja tão estúpida. Estou falando comigo mesmo, já teve oportunidade de ver quem está aqui?

Alzira — Não tive, e nem me interessa saber quem está aqui. Eu só queria saber onde puseram minha mala de viagem.

Sebastião — Que?...Sua mala de viagem? Sei lá!...

Alzira — Olhe, Sebastião, não estou brincando, quero conta de minha mala, vou me embora e preciso dela.

Sebastião — Ah, sim! Já sei, hé! hé! hé! Você não poderá ir embora sem encontrar a mala.

Alzira — Pois engana -se. Se escondeu, comprarei outra.

Sebastião — É inútil, Alzira. Acho melhor desistir.

Alzira — Vou agora mesmo em uma das lojas da cidade.

Sebastião — Então vá. há! há! há! [ALZIRA SAI DE CENA]Vamos ver se ela irá, há! há! há!

ROSA ENTRA EM CENA

Rosa — Patrão...Mario gostou do seu aposento.

Sebastião — Para ele, o porão é um palácio, Você já soube que sua patroa está querendo me deixar? há! há! há!

Rosa — D<sup>a</sup> Alzira? Querendo fugir? Por que?

Sebastião — É, não sei não, talvez eu esteja monótono para ela! Rosa, me diga com franqueza. Pareço ser muito velho?

Rosa — Não sei, seu Sebastião. Não posso dizer-lhe nada.

Sebastião — Não precisa dizer, Rosa. Eu e você...

SEBASTIÃO CHEGA MAIS PERTO DE ROSA, MAS MARIO ENTRA EM CENA

Mario — Vovô!...Eu!...Hó! Então desculpe.

Sebastião — Mario! O que está fazendo aqui?

Mario — Eu já trouxe os meus trastes, vovô.

Sebastião — E, então! Que tenho a ver com isso. Dê o fora!

Mario — Está bem vovô!...

MARIO SAI DE CENA

Rosa — Eu tenho que ir passar as roupa da patroa.

Sebastião — Não, Rosa! Não vá agora

SEBASTIÃO SEGURA ROSA.

Rosa — Hó!... Não, seu Sebastião! Por favor! Largue-me.

Sebastião — Está bem, Rosinha, mas depois conversaremos, que tal?

Rosa — Acho que o senhor devia me respeitar, sou moça honesta, trabalho aqui por precisão.

Sebastião — Mas eu não falei que você é desonesta, meu bem.

Rosa — Mas está me tratando como se eu fosse.

ALZIRA ENTRA EM CENA

Alzira — Rosa! O que você foi fazer com meus vestidos?

Rosa — Seus vestidos?

Alzira — Sim! Estão todos queimados num lugar só.

Rosa — Imagine, dona Alzira. Eu ainda não pus a mão nos seus vestidos. Eu ia passar agora.

Alzira — Fazendo-se de inocente, Rosa?

Sebastião — Há! há! há! Os vestidos queimados num lugar só.

Alzira — Então foi você, Sebastião

Sebastião — Eu sei quem foi, madame. Eu avisei-lhe que seria inútil sair daqui, primeiro a mala, agora os vestidos. O que virá agora?

Alzira — Você está ficando louco.

Sebastião — Que virá agora? há! há! há!

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 4<sup>o</sup> ATO**

**4º ATO**

TRABALHARÃO NO 4º ATO OS SEGUINTE PERSONAGENS: ROSA, MARIO, SEBASTIÃO, ALZIRA.

CENÁRIO DE UM JARDIM DE CASA.

UNS SEGUNDOS, E ROSA ENTRA EM CENA

Rosa — Mario! O que tens? Pareces estar triste?

Mario — E você quer que eu esteja alegre?

Rosa — Não, Mario. É que...

Mario — Não! Não precisa se desculpar. Rosa, eu sou uma pessoa demais no mundo. Todos me odeiam.

Rosa — Menos eu, Mario.

Mario — Você não me odeia, Rosa? Posso acreditar?

Rosa — Sim, pode acreditar. Tenho pena de você.

Mario — Não sei porque fui nascer assim, porque eu tenho esta sina.

Rosa — Isso não é nada, Mario. Esqueça disso e será mais feliz. Não deixe que esse complexo tome conta de você.

Mario — Eu sempre penso assim, mas não posso esquecer de minha corcunda, meus olhos.

Rosa — Escute-me, não pense mais nisso, Mario.

SEBASTIÃO ENTRA EM CENA

Sebastião — Engraçado! Deixou o serviço da casa para vir contar histórias a Mario. Vá passar minha camisa branca, Rosa. Preciso sair hoje. [ROSA SAI DE CENA] E você, Mario, que está fazendo aqui no jardim?

Mario — Nada, vovô!...Eu estava aqui pensando, quando Rosa chegou...

Sebastião — Olhe aqui. Aqui no jardim não é lugar para você ficar, e também não quero ver conversando com Rosa.

Mario — Foi ela que veio falar comigo.

Sebastião — Quando ela vier novamente, não lhe dê atenção.

Mario — Mas não o compreendo, vovô! Rosa é a única que não me odeia aqui.

Sebastião — Não quero ouvir isso, Mario. Faça o que eu mandar. Não fale mais com Rosa.

Mario — Está bem vovô, eu evitarei isso.

Sebastião — Agora saia daqui e não ponha mais os pés no jardim, Mario.

Mario — Está bem, vovô!...

MARIO SAI DE CENA

Sebastião — Isso é engraçado! Quem é esse monstruoso homem para estar aí conversando com Rosa?

ALZIRA ENTRA EM CENA

Alzira — Sebastião — O que está fazendo aí no jardim? Nunca o vi nesse lugar.

Sebastião — Estou tomando um ar mais agradável. E você, não foi embora ainda, ou está decidida a ficar?

Alzira — Sim, vou ficar, não é possível ir embora daqui. Mario precisa de mim.

Sebastião — Hé! hé! he! Mario precisa de você, hé! hé! hé!

Alzira — Você nunca terá salvação pelo que fez, Sebastião.

Sebastião — Hé! hé! hé! Acho que não terei mesmo, mas você também sofrerá até o fim de sua vida.

Alzira — E é gostoso para você isso?

Sebastião — Para mim é a diversão mais engraçada.

Alzira — Um dia, Mario descobrirá isso, e o detestará. E Roberto, também.

Sebastião — Cale-se Alzira. Roberto e Maria não são meus filhos

Alzira — Roberto e Maria, são nossos filhos.

Sebastião — Não é verdade, Alzira. Não acreditarei nisso.

Alzira — Sebastião, você é um louco.

ALZIRA SAI DE CENA.

Sebastião — Não! Isso não é possível. Alzira quer me deixar com medo, eles não são meus filhos, é mentira. [ROSA ENTRA EM CENA COM A VASSOURA]  
Rosa! Você ouviu isso?

Rosa — Eu? Ouvi o que?

Sebastião — Isso que Alzira disse.

Rosa — Nada sei do que se trata, patrão!

Sebastião — Não! Não é possível, acho que estou mesmo ficando louco.

SEBASTIÃO SAI DE CENA.

Rosa — Ué! O Patrão parece não estar muito certo mesmo. Não compreendo, um dia quis me pegar, agora veio com essa. [MARIO ENTRA EM CENA] Mario! Você aqui de novo.

Mario — Sim, Rosa, eu voltei aqui no jardim.

Rosa — Cuidado com o patrão, Mario.

Mario — Eu voltei para vê-la, Rosa. Desejava ouvir algumas palavras suas.

Rosa — Pena que eu não tenho tempo para conversar com você Mario.

Mario — Rosa, sabe de uma coisa? Eu simpatizei muito com você.

Rosa — Não! Não diga tolices. Eu apenas gosto de falar com você.

Mario — Não precisa ter medo, Rosa! Eu sei o que sou, sei que seria ridículo me apaixonar por você.

Rosa — Eu nem sequer pensei nisso, Mario.

Mario — Pensou sim, Rosa. Não tenha medo, eu sou horrível, mas não farei mal nenhum. Eu não sirvo para você, mas procurarei pelo menos protegê-la.

Rosa — Proteger-me de que?

Mario — De vovô.

Rosa — Como sabe disso, Mario? Alguém o contou?

Mario — Não! Eu notei alguma coisa. Meu avô é um descarado.

SEBASTIÃO ENTRA EM CENA

Sebastião — Rosa! Prepare as coisas. Alzira foi atropelada por um carro ao atravessar a rua.

Rosa — Como foi isso, patrão?

Sebastião — Agora pouco me telefonaram do hospital.

Rosa — Espero que não seja grave, vou arrumar já.

Sebastião — Apresse-se, ela está muito mal.

ROSA SAI DE CENA.

Mario — Eu também vou ver a vovó.

Sebastião — Não! Você não pode ir. Lá não é ambiente para você.

Mario — Por que meu avô?

Sebastião — És um monstro.

Mario — Eu sei que sou, não me esqueci disso, mas gosto de vovó, e quero vê-la.

Sebastião — Já falei que não irá, não teime.

Mario — Eu preciso ir.

Sebastião — Não retruque.

SEBASTIÃO DA UMA BOFETADA EM MARIO

Mario [COM AS MÃOS NO ROSTO] — Vovô! Não te envergonhas de me bater?

Sebastião — Não me envergonho. Você é que devia se envergonhar de apanhar, de seu avô.

Mario — Tens razão vovô, eu não retrucarei nunca mais.

Sebastião — Há! há! há! É assim que se fala. Agora que entramos num acor-  
do, que achas de Rosa?

Mario — É uma boa pessoa.

Sebastião — Eu sei que é uma boa pessoa, mas que acha dela?

Mario — Ah já sei...É muito linda, por que?

Sebastião — Porque, estou querendo obtê-la.

Mario — Mas isso não fica bem vovô, e minha avó?

Sebastião — Acho que ela morrerá no hospital, pelo que ouvi dizer.

Mario — Mais não é possível isso. Rosa é muito jovem.

Sebastião — Cale-se. É claro que é possível. Eu gosto dela e será minha de  
qualquer maneira.

Mario — Agora entendo. O senhor quer se livrar da vovó para ficar com Rosa.

Sebastião — Quer dizer... Nem que eu não me livre dela, mas se eu me livrar,  
é melhor.

Mario — Eu nunca esperava que o senhor fosse capaz de tudo isso.

Sebastião — Chi, Mario, eu sou capaz de mais que isso, ainda há! há! há!

Mario — Eu impedirei isso.

Sebastião — Que está falando?

Mario — Eu não posso consentir que isso aconteça.

Sebastião — E quem é você para se meter nos meus planos?

Mario — Eu prometi a Rosa que protegeria de tais coisas, e vou fazê-lo.

Sebastião — Olhe Mario, não me faça rir de você.

Mario — É verdade, meu avô.

Sebastião Há! há! há! Então você fala seriamente heim?

ROSA ENTRA EM CENA

Rosa — Pronto seu Sebastião

Sebastião — Olá, Rosa, tudo pronto. Eu a levarei até o hospital. Mario olhe  
bem a casa. Se perguntarem por mim diga que só volto amanhã.

Rosa — Mas não vamos até o hospital?

Sebastião — Quem sabe ha! ha!

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 4º ATO**

**5º ATO**

NO 5º ATO CENÁRIO DO INTERIOR DE UM QUARTO DE HOSPITAL.

ALZIRA DEITADA EM UMA CAMA REPRESENTANDO UMA PESSOA QUE SOFREU UM ACIDENTE.

ROSA NA CENA.

Alzira — Ai!...ai...hem...Quem está aí? É você, Rosa?

Rosa — Sim, dona Alzira. Eu vim visitá-la. Seu Sebastião não conseguiu entrar no hospital.

Alzira — Ai...Por que Rosa?

Rosa — Não sei, ao passar pela porta, ele avistou aquele crucifixo, parou um tempo e olhou, depois saiu e foi embora, depressa.

Alzira — Sim, não pude entender o que se passou com ele naquele momento.

Alzira — Ele está se arrependendo do que fez, Rosa.

Rosa — Que? Arrependendo? Não compreendo.

Alzira — Um dia eu lhe explicarei isso.

Rosa — Sabe, dona Alzira, eu acho um pouco estranho mesmo a sua casa.

Alzira — Mas ficará normal, Rosa, não se preocupe...Mario ficou fazendo o quê?

Rosa — Ficou cuidando da casa. Seu Sebastião não o deixou vir aqui.

Alzira — Pobre Mario, tem tanto desgosto de ser daquele jeito. E Sebastião judia dele ainda.

ALZIRA MEIO QUE CHORA

Rosa — Não!...Não fique nervosa, dona Alzira, pra todas coisas tem um jeito.

Alzira — Mas para Mario não tem, o jeito é desvendar o segredo de seu mal.

Rosa — Hem? Como assim?

A MADRE ENTRA EM CENA

Madre — Minha senhora, o tempo já esgotou. Madame Alzira não pode conversar muito.

Rosa — Está bem, madre. Já me retiro, não se preocupe.

Madre — Não é por nada, moça, é que o médico deixou ordem para a paciente não conversar muito, desculpe-me.

Rosa — Sim madre, até já, estimo que madame Alzira melhore

ROSA SAI DE CENA

Madre — Madame Alzira, não precisa se preocupar com os ferimentos na

cabeça, dentro de quinze dias ficará boa.

Alzira — Espero que sim, madre.

Madre — Pode confiar em nossos medicamentos.

Alzira — Madre, eu estou muito pálida é.

Madre — Hó, não. A senhora só está um pouco amedrontada com o que houve. Mas não é bom ficar pensando no que houve.

A MADRE FAZ QUE PEGA UNS COMPRIMIDOS E UM COPO D'ÁGUA.

Madre — Olhe dona, Alzira. Aqui está um copo de água e uns comprimidos. A cada meia hora tome um, é bom para acalmar o nervosismo.

Alzira — Está bem, madre.

BATEM NA PORTA.

MADRE — Eu vou atender. [A MADRE SAI E ENTRA DEPOIS COM SEBASTIÃO]

Seu marido veio visitá-la, madame.

Sebastião — Óh sim, como está, Alzira, era para vir aquela hora mas não pude.

Madre — O senhor é aquele homem que voltou do corredor?

Sebastião — Sim, eu não me senti muito bem naquele momento.

Madre — E agora já melhorou?

Sebastião — Sim eu vim pra outro lugar, isto é já estou melhor.

Madre — Cruz, sinto muito moço, mas não posso acreditar nessas coisas. O senhor é muito esquisito, eu vou sair um pouco.

Sebastião — Não, não precisa sair daqui madre...

Madre [APAVORADA] — Eu sei, mas é que não consigo ficar

A MADRE SAI DE CENA

Sebastião — Mas que coisa estranha, porque será que a madre não quis ficar perto de mim?

Alzira — É, ela o estranhou muito mesmo.

Sebastião — Eu me admiro muito. Pois sou um grande homem.

Alzira — Ah é! Se você fosse um grande homem, ninguém o detestava, Sebastião.

Sebastião — Mas não tem importância. E você, gosta daqui?

Alzira — Sim, eu gosto, aqui pelo menos não passo tanta contrariedade.

Sebastião — Que o médico achou do seu acidente?

Alzira — Hó! Não foi nada, só abalou um pouco a cabeça e uns ferimentos no corpo.

Sebastião — Chi, mas então não foi tão grave como pensei.

Alzira — Você desejava que eu morresse é?

Sebastião — Hó, não! Eu não quis dizer certas coisas.

Alzira — Mas enganou-se redondamente, porque de hoje a 15 dias estarei em casa, e você, abra o olho.

Sebastião — Hé! hé! Abrir o olho de que, de você?

Alzira — Sim, Rosa já me contou de suas propostas com ela.

Sebastião — Ah deixe disso. Rosa é bem mais nova que eu. Não seria engraçado eu que sirvo de avô dela, dizer certas coisas?

Alzira — Mas do que isso você já fez, és capaz de fazer o que desejar ao seu alcance.

Sebastião — Mas isso não está ao meu alcance, Alzira. Sou casado e não pretendo...

Alzira — Não acredito nisso. Dê-me esse copo e um desses comprimidos para eu tomar.

SEM QUE ALZIRA VEJA SEBASTIÃO TROCA O COMPRIMIDO POR OUTRO VENE-  
NOSO E LHE DÁ

Sebastião — Pronto, Alzira, aqui está.

Alzira — Hu, hu, obrigada.

ALZIRA TOMA

Sebastião — Alzira, eu quero que você saia logo daqui, e nós vamos viver diferente agora.

Alzira — Mas depois que você cometeu todos esses erros.

Sebastião — Não faz mal, Alzira, estamos quites agora.

A MADRE ENTRA EM CENA

Madre — Desculpe-me senhor, mas já venceu o tempo.

Sebastião — Ah sim! Já vou já [COM GESTO DE SAIR]. Escute, não pude compreender como a senhora não suportou ficar aqui.

Madre — Eu também não sei, agora queira retirar-se.

Sebastião — Está bem, até já.

SEBASTIÃO SAI DE CENA

Alzira — Madre! Madre! Por favor me ajude.

Madre — O que aconteceu, dona Alzira, o que aconteceu?

Alzira — Eu! eu...eu não estou muito boa.

Madre — Mas isso foi agora [COM GESTO DE SAIR Vou chamar, o doutor Roberto. Ele está de plantão hoje.

Alzira — Antes disso quero que chame o meu neto e Rosa.

Madre — Eu telefonarei já, madame.

NISSO ENTRAM EM CENA ROSA E MARIO

Rosa — Não será preciso, dona Alzira.

Madre — Hó! Que surpresa para a senhora, madame!

Madre — Fiquem aqui com ela, vou chamar o médico.

A MADRE SAI DE CENA.

Mario — Então vovó. Não estás melhor, eu pensei...

Alzira — Eu estava, mas depois que ingeri aquele comprimido, comecei a me sentir mal.

Mario — Tenha calma, vovó. A senhora ficará boa. O médico já está por perto.

Alzira — Eu não aguentarei muito tempo...

Rosa — Meu Deus! Que demora, será que ele vem?

DR. ROBERTO ENTRA EM CENA

Dr. Roberto — Que acontece Dna. Alzira? Há pouco a deixei boa.

Mario — Ela está grave, doutor.

Roberto — Quem é você. És Mario.

Mário — Que coincidência. Não sabia que o senhor era médico, meu pai.

Roberto — Sim, filho diferenciei muito, depois que sua mãe me deixou.

Alzira — Então é você que está cuidando de mim, Roberto?

Roberto — Sim, dona Alzira.

Alzira — Hó Deus, dê-me alguns esforços pelo menos.

Roberto — Calma, D<sup>a</sup> Alzira, A senhora ficará boa.

Alzira — Sinto muito Roberto...Não aguentarei mais...Eu sei...que vou morrer. Eu preciso desvendar o segredo.

Roberto — Em!...Que...segredo?

Alzira — Sim! Você...Roberto. É meu filho. Sebastião... Cometeu esse...pecado.

Roberto — Que quer dizer dona Alzira? A senhora!... Minha mãe?

Alzira — Sim! Você e Maria são irmãos gêmeos

Dr. Roberto — Então, a senhora é minha mãe, por favor, continue, mamãe, mamãe, estás me ouvindo? Oh, é inútil ela já não está mais respirando.

Mario — Como, quer dizer que vovó está morta, meu pai?

Dr. Roberto — Sim! Não posso dizer como foi acontecer isso. Morreu como se fosse envenenada.

Mario — Então, é por isso que tenho esta sina.

Dr. Roberto — Sim, Mario, agora que eu fiquei sabendo, que eu e sua mãe somos irmãos, gêmeos.

Mario [COM ÓDIO] — Meu avô! Aquele desgraçado me paga.

Dr. Roberto — Não, não tente nada contra seu avô, Mario.

Mario — Ele vai pagar isso. Eu desconfiei que alguém foi o causador de minha desgraça.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 5º ATO.**

**6º ATO****SEBASTIÃO EM CENA SOZINHO E SENTADO.**

Sebastião — Há! há! há! E eu não consigo me esquecer daquele comprimido que eu troquei, tão pequenino, mais fez com que Alzira não vivesse para desvendar o segredo de toda essa história. Bem, não precisava eu fazer esse crime, só por causa do segredo, mas Rosa, aquela bonequinha, como eu iria esposá-la? Como amiga, eu não quero, e sim como esposa, Rosa tem que ser minha. Satã me ajudará. hé! hé! hé!

**ROSA ENTRA EM CENA**

Rosa — Ainda faz poucos dias que a patroa faleceu, e o senhor está alegre.

Sebastião — Ficar triste, por que?

Rosa — Bem é que devia ter um pouco mais de respeito.

Sebastião — Oras, deixe disso, menina. Quem morreu, morreu. Nós temos muitas coisas para pensar, acima disso.

Rosa — Nós? Como assim?

Sebastião — Sim, eu e você.

Rosa — Pensar em que?

Sebastião — Em nosso futuro.

Rosa — Hó! Não seu Sebastião. Prefiro não aceitar mais o emprego.

Sebastião — Sua tolinha, só mesmo sendo uma tola, para não aceitar minhas propostas.

Rosa — Suas propostas sujas.

Sebastião — Não diga assim, que você me ofende.

Rosa — Desculpe-me.

Sebastião — Há! Agora sim. Sabe Rosa, eu amo-a loucamente, e como estou só, agora, queria que você também contribuísse com meu amor.

Rosa — Más isso é ridículo, seu Sebastião.

Sebastião — Não é Rosa! Eu a farei feliz. A idade, isso não vem ao caso. Eu a farei feliz, pode ficar ciente disso.

Rosa — Não, seu Sebastião. O senhor deve arrumar uma outra mulher que combine com o seu tipo e temperamento.

Sebastião — Sim! Eu devia, não resta dúvida. Mas gosto de você, Rosa. Deixe-me explicar. Sou rico, e nunca fui feliz com mulher. Quando me casei com Alzira, tinha a sua idade. Nunca consegui ganhar o amor, o carinho, e a confiança de Alzira.

Rosa — Isso é mesmo penoso seu Sebastião.

Sebastião — Por favor, não me trate mais de seu Sebastião. Basta dizer apenas meu nome, Rosinha.

Rosa — Mas, prefiro respeitá-lo.

Sebastião — Deixe disso, Rosa. Eu não a quero como amiga e nem como amante. Quero como esposa. Casamos o dia em que você desejar.

Rosa — Eu...Não sei o que devo pensar.

Sebastião — Pense em mim Rosa, no meu amor, e na minha fortuna que te ofereço. Tenha pena deste viúvo

SEBASTIÃO APROXIMA-SE.

Rosa — Sim, dê-me tempo para pensar. Estou confusa, agora.

ROSA SAI DE CENA E SEBASTIÃO VOLTA A SENTAR FUMANDO UM CIGARRO.

Sebastião — Hé! Hé! Hé! Rosa já caiu nas minhas mãos. Tudo que eu quero, Satã me ajuda. Desejo ter muita juventude para com Rosa, e creio que Satã me ajudará também, hé! hé! hé! [SEBASTIÃO LEVANTA AMEDRONTADO E EXCLAMA] Ei! Que foi isso? Um barulho inesperado, poderá ser o vento! [E UNS PASSOS LARGOS SE APROXIMANDO] Ouço uns passos, e vem nesta direção. [MARIO ENTRA EM CENA MAIS HORRÍVEL AINDA]

Sebastião — Ah então é você, Mario? [MARIO NÃO ESCUTA] Mario!...O que ouve, não me escuta. [MARIO DÁ UM PASSO EM DIREÇÃO A SEBASTIÃO] Mario!... Saia daqui. Não se aproxime. Meu Deus, ele vai me agarrar. Vou apanhar o revólver. [SEBASTIÃO APANHA O REVÓLVER E APONTA PARA MARIO] Agora, Mario. Saia daqui ou atiro.

Mario — Vovô! Tu foi o causador de minha desgraça.

Sebastião — Sim! Como sabes?

Mario — Criou um monstro para acabar com a sua própria vida.

Sebastião — Se der mais um passo, eu o mato.

Mario — Mate-me, já matou vovó, agora falta eu.

Sebastião — Sim! Só falta você. Há! há! há!

Mario — Vamos ver então, canalha.

MARIO SE APROXIMA E SEBASTIÃO TENTA ACIONAR O GATILHO, MAS NÃO PODE.

Sebastião — Que! não consigo acionar o gatilho. O que está acontecendo comigo. Ajude-me Satã.

MARIO PARÁ E A VOZ FALA POR TRÁS DO CENÁRIO

VOZ — Não precisas mais de mim já mencionastes outro nome. Nada valho para você agora. Só estou esperando sua alma que foi o nosso trato.

SEBASTIÃO FICA APAVORADO

Sebastião — Por favor. Eu disse, Deus, foi sem querer. Ajude-me...Ajude-me... não...

[MARIO O ESTRANGULA SEM PIEDADE] Ai...

SEBASTIÃO CAI ESTRANGULADO

ROBERTO E ROSA ENTRAM EM CENA

Roberto — Mario, o que você fez?

Mario — Matei meu avô.

Roberto — Você matou meu pai!

Mario — Sim! Meu avô, assassinou minha avó, com um falso comprimido, eu matei meu avô, com minhas mãos, e em troca recebi também um comprimido.

MARIO CAI MORTO

Roberto — Mario! O que aconteceu?

Rosa — Que aconteceu a ele Roberto?

Roberto — Não sei, caiu morto.

Rosa — Mas ele foi atingido.

Roberto — Que! Eu não ouvi nenhum estampido! Você ouviu.

Rosa — Céus como isto foi estranho, e...eu também não ouvi nada.

Roberto — Isto foi assombroso, mas não vamos ficar pensando nisso.

Rosa — Sim Roberto! Mas que foi estranho, foi.

ROBERTO EXAMINA O REVÓLVER

Roberto — Nem eu mesmo consigo compreender isso. Veja! O revólver ainda está quente e no tambor tem falta de uma bala.

ROSA OLHA O REVÓLVER

Rosa — Que assombroso! Essa bala é o comprimido que Mario teve.

Roberto — Sim, mas o estampido ninguém ouviu.

Rosa — Até parece que foi uma obra satânica.

POR TRÁS DO CENÁRIO, A VOZ

Voz — Sim, foi uma obra satânica. Obrigado pela alma de teu pai.

ASSUSTADO, ROBERTO FALA

Roberto — Rosa! Você ouviu isso.

Rosa — Sim, Roberto, já é a segunda vez que ouço essa voz, ouvi uma vez quando seu pai estava sentado naquela poltrona, e conversava com ela.

Roberto — E conversava com ela?

Rosa — Sim. Estava a sós. Ele não iria falar sozinho.

Roberto — Mas, isso então quer dizer que meu pai...

Rosa — Sim! Seu pai tinha parte com o demônio.

Roberto — Não esperava que meu pai fosse cruel assim.

Rosa — E onde encontrarás sua esposa para anular o casamento?

Roberto — Nem sei, onde andará, talvez não encontre mais.

Rosa — Quer que a ajude a encontrá-la?

Roberto — Não adianta, depois de 15 anos de casados, não irão anular o casamento.

Rosa — Bem, é você quem sabe Roberto. Vamos avisar a polícia.

Roberto — Espere, Rosa. Eu não dei a resposta certa. Na verdade, temos mesmo que procurar minha irmã, para poder legalizar os documentos.

Rosa — Sim...Boa sorte, solteirão...

ROBERTO SE APROXIMA

Roberto — Não vai ser fácil eu me esquecer do que aconteceu.

Rosa — Eu o ajudarei a esquecer de tudo isso.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DA PEÇA**